



SILÊNCIOS QUE GRITAM: DOR, LUTO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO* (2017)

Agnes Renne Barbosa Santos¹

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Maria Tereza Silva Costa²

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

Lucas Matheus Araujo Bicalho³

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)

RESUMO

Este artigo analisa como a obra *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, atua como instrumento de problematização da violência contra as mulheres na sociedade. A narrativa suscita reflexões sobre ética, vulnerabilidade e força, ressignificando experiências de dor e sofrimento e apontando caminhos para a resistência feminina. A análise interpretativa fundamenta-se em conceitos dos Estudos de Gênero e da História das Mulheres, bem como em perspectivas sobre violência de gênero e teorias críticas da literatura. A obra revela como o sofrimento individual se transforma em expressão coletiva, mostrando o corpo e a subjetividade femininos como territórios de opressão e resistência. A pesquisa evidencia da literatura, permitindo denunciar desigualdades, refletir sobre relações de poder e construir narrativas de resistência, contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais de gênero e para a transformação social.

Palavras-chave: Escrita feminina. Gênero. Literatura Brasileira. Violência.

RESUMEN

Este artículo analiza cómo la obra *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, actúa como instrumento de problematización de la violencia contra las mujeres en la sociedad brasileña. La narrativa suscita reflexiones sobre ética, vulnerabilidad y fuerza, reinterpretando experiencias de dolor y sufrimiento y señalando caminos para la resistencia femenina. El análisis interpretativo se basa en conceptos de los Estudios de Género y de la Historia de las Mujeres, así como en perspectivas sobre la violencia de género y teorías críticas de la literatura. La obra revela cómo el sufrimiento individual se transforma en expresión colectiva, mostrando el cuerpo y la subjetividad femeninos como territorios de opresión y resistencia. La investigación pone de manifiesto de la literatura, que permite denunciar las desigualdades, reflexionar sobre las relaciones de poder y construir narrativas

¹ Estudante de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Montes (UNIMONTES). E-mail: agnesrenne889@gmail.com

² Estudante de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Montes (UNIMONTES). E-mail: m.terezacosta8@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: bicalholucas7@gmail.com



de resistencia, contribuyendo a la comprensión de las dinámicas sociales de género y a la transformación social.

Palabras clave: Escritura femenina. Género. Literatura brasileira. Violencia.

INTRODUÇÃO

E eu precisando contar
Pro menino
Tanta coisa,
A maioria
Triste
(BEI, 2017, p. 62).

Iniciamos esta introdução a partir da narrativa de Aline Bei em *O Peso do Pássaro Morto* (2017), que ergue a voz de uma mulher atravessada por medos, cicatrizes e silenciamentos, revelando como o íntimo não se aparta das engrenagens coletivas que o moldam. A violência sexual que fere a protagonista, assim como o machismo que se entranha em sua trajetória desde a infância, não se apresentam como acidentes biográficos, mas como marcas de uma ordem patriarcal que estrutura a vida social e normaliza a vulnerabilidade das mulheres. O nascimento de Lucas, seu filho, reconfigura essa carga, pois, ao se deparar com a urgência de transmitir-lhe as dores do mundo, a personagem enfrenta a tensão entre denunciar a brutalidade da realidade e proteger a inocência de um corpo ainda em formação. Nesse gesto ambíguo, vislumbra-se a permanência de uma violência que ultrapassa o indivíduo, projetando-se sobre a maternidade, infiltrando-se nas relações e reiterando a lógica de um tecido social que insiste em se sustentar sobre o sofrimento feminino.-

Ao longo da narrativa, o corpo feminino se apresenta como o espaço privilegiado onde se inscrevem as violências históricas e sociais, transformando a experiência individual em território coletivo de opressão. O que Aline Bei (2017) desenha, com sua escrita fragmentada e poética, é a pedagogia da dor: um aprendizado forçado que ensina à protagonista e, por extensão, a mulheres atravessadas por estruturas sociais de opressão a conviver com perdas impostas por uma sociedade que exige resiliência sem jamais oferecer reparação (BICALHO; ALVES; PEREIRA, 2025; BICALHO, 2025). Essa dita pedagogia da crueldade, longe de ser escolha, reproduz-se na maternidade, quando a personagem pressente que também seu filho herdará a convivência com um mundo devastado, marcado pela destruição ambiental, pela desigualdade e pela violência de gênero. Assim, a narrativa revela não somente um romance ficcional, mas uma denúncia sobre como o sistema social converte o sofrimento privado em mecanismo de reprodução de hierarquias, perpetuando a subalternização feminina e a naturalização do trauma como destino.

Nesse contexto, o relato da protagonista evidencia ainda a tensão entre a memória e a esperança, revelando como o exercício da lembrança se torna simultaneamente uma ferramenta de denúncia e de resistência. Ao narrar suas experiências e transmitir a seu filho o conhecimento das violências que atravessam a vida, a personagem transforma o ato de recordar em gesto político, apontando para a necessidade de visibilizar aquilo que a sociedade frequentemente busca silenciar. A escrita de Bei, marcada pela fragmentação e pelo ritmo poético, permite captar não apenas a dor individual, mas também os efeitos estruturais da violência de gênero, mostrando como o corpo e a subjetividade femininos se constituem como territórios de luta e contestação. Dessa forma, a obra



propicia reflexões sobre os modos pelos quais a literatura pode interpelar a ordem social, questionar desigualdades e construir narrativas de resistência frente à opressão.

A partir dessas considerações, este artigo tem como propósito analisar de que modo a literatura, por meio da escrita de Aline Bei em *O peso do pássaro morto* (2017), pode constituir-se como um instrumento de problematização da violência contra as mulheres na sociedade, ao suscitar reflexões acerca da ética, da vulnerabilidade e da força, elementos indispensáveis para ressignificar experiências de dor, medo e sofrimento, bem como para viabilizar percursos de resistência. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa apoia-se em uma análise interpretativa da obra, fundamentada em conceitos e perspectivas teóricas de autoras que se dedicam ao estudo das violências de gênero, como Rita Segato (2025) e Heleieth Saffioti (2015), além de outras contribuições provenientes dos Estudos de Gênero e da História das Mulheres. No campo específico da Literatura, recorre-se às formulações teóricas de Antonio Candido (1965), cuja abordagem crítica literária se mostra fundamental para a compreensão das representações da realidade social nos textos literários.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de compreender como a literatura contemporânea brasileira, ao dar visibilidade a experiências femininas atravessadas por violências estruturais, contribui para a ampliação dos debates sociais sobre gênero e desigualdade.

Aline Bei é uma escritora brasileira contemporânea cuja obra se destaca pela articulação entre forma literária e experiência subjetiva, especialmente no que diz respeito às vivências femininas atravessadas pela dor, pela perda e pela violência. Desde sua estreia com *O peso do pássaro morto* (2017), a autora chama a atenção da crítica e do público por uma escrita que borra as fronteiras entre poesia e prosa, construindo narrativas que não se limitam a contar uma história, mas que buscam fazer o/a leitor/a sentir a descontinuidade, o silêncio e o impacto do trauma. Suas obras dialogam diretamente com questões sociais como o machismo, a violência sexual e a naturalização do sofrimento feminino, sem reduzir essas experiências a uma perspectiva universalizante.

Do ponto de vista formal, a escrita de Bei caracteriza-se como romance narrativo em forma poema organizado em versos livres, recurso que confere ritmo, densidade imagética e forte carga sensorial ao texto. Em *O peso do pássaro morto*, essa escolha formal atua como um dispositivo narrativo fundamental: a fragmentação, as quebras gráficas e os vazios na página acompanham a experiência da protagonista, marcada por sucessivas perdas e pela impossibilidade de elaboração linear do luto. A forma, assim, não é só estética, mas profundamente vinculada ao conteúdo, permitindo que a linguagem expresse aquilo que escapa à narração tradicional e evidenciando como o trauma que se coloca no corpo e na memória.

O percurso literário de Aline Bei consolida-se com *Pequena coreografia do adeus* (2021), obra que aprofunda sua investigação sobre memória, afetos e relações familiares, reafirmando seu compromisso com uma escrita feminina entendida como prática ética e política. Isso porque trata-se de uma escrita que privilegia a escuta das subjetividades vulnerabilizadas e transforma a literatura em espaço de elaboração crítica da dor, sem apagá-la ou romantizá-la. Logo, ao adotar a prosa poética como forma, Bei insere sua produção em uma tradição contemporânea que reconhece a linguagem como campo de resistência, no qual a narrativa se constrói a partir das fissuras, dos silêncios e das marcas deixadas pelas experiências de violência e perda.

Diante disso, a escolha da obra *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, justifica-se por sua potência em articular a dimensão subjetiva da dor com os mecanismos coletivos que a produzem, evidenciando como o machismo, a violência sexual e a naturalização do sofrimento feminino configuram no cotidiano. Nesse sentido, o estudo mostra-se importante para os campos da crítica



literária e dos estudos de gênero, mas também para a construção de perspectivas éticas e políticas capazes de fomentar reflexões sobre resistência, cuidado e justiça social.

1 PERCURSOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS: CAMINHOS PERCORRIDOS

Ao conduzir uma pesquisa científica, diversos caminhos metodológicos podem ser mobilizados com o objetivo de responder ao problema investigativo proposto. Esse percurso metodológico constitui a estratégia adotada pelo pesquisador ou pela pesquisadora para atingir os objetivos definidos, orientando a seleção de técnicas, fontes e procedimentos analíticos. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa básica, considerando que seu propósito central reside na produção de conhecimento voltado ao avanço da ciência, sem que haja, necessariamente, a imediata preocupação com sua aplicação prática (SILVA; MENEZES, 2005). Ao mesmo tempo, a investigação busca fomentar reflexões e debates acadêmicos, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento científico no campo de estudo em questão.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamenta-se em uma revisão bibliográfica crítica, englobando livros, artigos acadêmicos e outras produções científicas pertinentes à temática investigativa. As fontes foram selecionadas por meio de plataformas especializadas, como *Google Acadêmico*, *SciELO* e o *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, permitindo o diálogo e a confrontação de diferentes perspectivas teóricas e abordagens analíticas. Esse percurso metodológico possibilitou a construção de reflexões fundamentadas sobre os questionamentos centrais do estudo, articulando conceitos e evidências de modo coerente, para oferecer uma compreensão consistente e aprofundada do tema investigado.

2 VIOLÊNCIA, PATRIARCADO E SUBJETIVIDADE FEMININA EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO* (2017)

A literatura, enquanto manifestação estética e social, configura-se como um espaço privilegiado para compreender as experiências humanas em seu contexto histórico. Desde as formulações de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (1965), entende-se que a obra literária não existe como um campo isolado, mas em relação profunda com a estrutura social e cultural de seu tempo. A literatura, segundo o autor, é uma “forma de mediação entre o indivíduo e o mundo” e, por isso, espelha as tensões, contradições e sensibilidades que caracterizam determinada sociedade. Nesse sentido, ao analisar *O Peso do Pássaro Morto* (2017), de Aline Bei, é possível perceber como a autora constrói uma narrativa que reflete a subjetividade fragmentada e o sofrimento social da mulher contemporânea⁴, transformando a dor individual em expressão coletiva.

A noção de literatura como resultado de um “sistema de mediações”, formulada por Antonio Candido (1965), insere-se em um contexto histórico em que se buscava atribuir à produção literária uma função social e formativa, capaz de legitimar sua relevância para além da fruição estética. Reconhecendo a importância dessa perspectiva em seu tempo, a escrita de Aline Bei dialoga

⁴ Em *O Peso do Pássaro Morto*, a mulher contemporânea é representada menos como uma identidade fixa e mais como uma condição histórica marcada pela promessa de autonomia. Trata-se, aqui, de uma mulher a quem é atribuído o discurso da escolha sobre o corpo, a maternidade, o desejo e os afetos, mas que continua submetida a estruturas patriarcais que limitam, violentam e precarizam essa autonomia. A narrativa evidencia, assim, a contradição central do feminino contemporâneo: a coexistência entre discursos de emancipação e a persistência de formas sistemáticas de dominação e sofrimento, como apontam reflexões feministas sobre gênero, poder e violência.



criticamente com tal tradição ao recusar uma concepção instrumental da literatura. Sua narrativa poética e fragmentada, ao acompanhar a trajetória de uma mulher dos oito aos cinquenta e dois anos, não se oferece como projeto pedagógico, mas como experiência estética que expõe a descontinuidade da vida e o mal-estar contemporâneo, marcado pelo enfraquecimento dos vínculos afetivos e pelo sentimento de exclusão.

Na leitura de Sandra Pesavento (2003), a literatura não é compreendida a partir de uma função instrumental, mas como uma forma de conhecimento histórico capaz de apreender sensibilidades, imaginários e modos de sentir de uma época. Para a autora, “a ficção é um documento sensível do real” (PESAVENTO, 2003, p. 97), na medida em que traduz experiências humanas em linguagem simbólica e permite acessar dimensões do vivido que escapam aos registros factuais da História. Em *O peso do pássaro morto*, essa dimensão sensível manifesta-se na forma como o luto e o trauma são narrados como experiências individuais e como expressões de um tempo histórico marcado por violências naturalizadas e relações assimétricas de gênero. O sofrimento feminino, o abandono e a perda da inocência, ao atravessarem a narrativa, revelam as estruturas sociais que conformam as relações de poder. Assim, a escrita de Aline Bei (2017) não se limita a representar a realidade, mas a interrogá-la, inscrevendo-se no diálogo entre literatura e história cultural proposto por Pesavento, no qual a ficção atua como espaço privilegiado de elaboração e compreensão do sensível.

Em *O peso do pássaro morto*, a experiência da morte, vivida tanto na perda do outro quanto na diluição de si, constitui um eixo central da existência da protagonista sem nome. Desde a infância, o destino parece tecer ao seu redor uma trama de ausências: aos oito anos, ela perde a amiga Carla e, pouco depois, o benzedor Seu Luís, figura afetuosa que representava amparo e escuta (SANTOS, 2021). O mundo, que até então se abria como promessa, começa a se contrair sob o peso da perda. Mais adiante, a morte do cachorro Vento simboliza o desmoronamento final de sua tentativa de reconstrução, rompendo o último vínculo com a ternura e a esperança (SANTOS, 2021). A vida dessa mulher, portanto, desenha-se sob o signo da falta, configurando-se como um longo inventário de despedidas. Cada perda inscreve-se como cicatriz na memória, em um processo de dissolução íntima que a própria narradora reconhece em tom de lamento: “O problema foi a perda / da parte / de mim que / acreditava, / vazou no banho um dia / pelo ralo, / escorreu e a água rápida mandou pro cano que levou / pro rio” (BEI, 2017, p. 33).

Na adolescência, momento em que o corpo feminino começa a ser nomeado e controlado pelo olhar social, a protagonista é novamente atravessada pela lógica da perda e da dominação. O que deveria ser um espaço de descoberta e desejo próprio transforma-se em território de violência. Pedro, o rapaz em quem ela depositava confiança e curiosidade, exerce sobre ela o poder disciplinador do patriarcado: o estupro torna-se castigo, uma “correção” imposta à transgressão simbólica de um beijo triplo em uma festa (SEGATO, 2025). Nesse ato brutal, o corpo da jovem é tomado como campo de imposição de normas, e o prazer é substituído pela pedagogia do medo (BICALHO; ALVES; PEREIRA, 2025).

Em um momento subsequente, imerso na convicção de que as adversidades que vivenciava eram consequência direta da conduta da jovem protagonista, Pedro internaliza a necessidade de restaurar sua honra e reafirmar uma masculinidade fragilizada. Amparado por esse imaginário patriarcal de reparação e controle, ele dirige-se à casa da moça, convencido de que, ao confrontá-la, estaria “resolvendo” a questão que o atormentava:

Alguém tocou a campainha.



acordei
olhei quem era
pela janela do quarto
e vi o
Pedro?,
lá embaixo que me viu também e disse:
-eu quero conversar com você.
meu ar
fugiu do peito,
tentei me arrumar rápida no espelho, joguei
o cabelo
pro lado passando perfume em lugares
estratégicos.
ele estava calmo eu senti
alívio, pensei em argumentos como
fiquei bêbada,
ninguém trocou telefone,
do cabeludo eu não sei
nem o nome e a paula
foi uma bobagem
esquecível
entre amigas, eu
já esqueci
(BEI, 2017 p. 57-58).

Ao explicar o encontro inesperado com Pedro, a narradora expõe a complexidade emocional vivenciada pela protagonista, cujas reações corporais e psíquicas traduzem o impacto de uma situação limite. Medo, ansiedade, esperança e confusão atravessam sua subjetividade, revelando o abalo emocional do momento, bem como o modo como as relações de gênero produzem e moldam afetos. A estrutura textual - entrecortada por pausas e intervalos - funciona como um reflexo dessa experiência fragmentada, como se cada respiro fosse uma tentativa de reorganizar o próprio sentido diante da violência simbólica que se anuncia.

Diante disso, ao tentar explicar a Pedro a situação, ele se mostra incapaz de escutar, reagindo a partir de um sistema patriarcal que naturaliza o poder masculino e reduz a mulher ao silêncio. Seu comportamento revela o imperativo de reafirmar uma masculinidade hegemônica ameaçada, configurando em um regime discursivo em que a honra e o controle do corpo feminino se tornam instrumentos de validação identitária. Assim, o encontro deixa de ser um diálogo e transforma-se em um cenário de disputa simbólica, onde o corpo e a voz da protagonista tornam-se territórios de resistência frente à imposição de uma autoridade que se ancora na tradição da violência de gênero. E, no momento da explicação, ele tinha:

tinha 1 Faca
que colocou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no meu estômago
junto com o chute que ele me deu. [...]
arrancou meu



vestido, o contato
da Faca
queimava
a pele e
ardia enquanto o Pedro
mastigava meus peitos
pronto para arrancar o bico. [...]
entre a reza e o pulo escolhi
ficar dura
e estranhamente pronta
pra morrer.
foi quando o xixi
me escorreu
as pernas.

-tá mijando em mim sua porca?

ele arrancou o pau pra fora e fez o mesmo
na minha boca.
o pedro
ria,
disse que arrombadas como eu prestam só pra dar [...]
ele abaixou as calças
abriu minhas pernas
e meteu com pressa [...].

e eu
melada O chão
de ardósia O Pedro
subiu as calças
virou as costas
e saiu
(BEI, 2017, p. 58-60, ênfase da autora).

Quando a lâmina da faca é direcionada contra seu corpo, a jovem é tomada por uma sensação profunda de vulnerabilidade, confrontando a iminência da morte e a experiência de ser reduzida à sua própria materialidade. Nesse instante-limite, sua reação, urinar no chão, manifesta o colapso das defesas e o desmoronamento de qualquer possibilidade de controle, revelando o corpo como território exposto à pedagogia da crueldade. Isso torna-se um gesto que escapa à norma patriarcal, rompendo com o ideal de feminilidade disciplinada e transformando-se em signo de resistência involuntária, ainda que atravessado pela dor. A violência que se impõe, nesse contexto, não é somente física, mas também pedagógica, ela ensina, pelo castigo, a submissão do corpo feminino à ordem hierárquica do masculino e patriarcal (SILVA, 2021).

Ao chamá-la de “porca” após o ato, Pedro reafirma o mandato de masculinidade que sustenta seu poder, convertendo a humilhação em demonstração de domínio. O termo “acabou” encerra mais do que um episódio, simboliza a tentativa de anular a existência subjetiva da protagonista, de transformá-la em silêncio e ausência (BICALHO; ALVES; PEREIRA, 2025). Frente à brutalidade que a cerca, o silêncio emerge não como consentimento, mas como refúgio e forma de



sobrevivência diante de uma violência que pretende inscrever, no corpo da mulher, a marca da obediência e do medo.

Após a ocorrência desse episódio, que expõe uma das experiências mais brutais da protagonista, percebe-se como a literatura atua como espelho e consciência crítica da sociedade. Antonio Candido (1965) compreende a literatura como uma forma de humanização, um direito essencial que permite ao(a) leitor(a) entrar em contato com as dimensões mais profundas da experiência humana. Para o autor, a obra literária é mais que um reflexo da realidade, mas uma organização simbólica da vida social que revela, através da ficção, as tensões, desigualdades e dores que marcam o mundo histórico.

Nesse sentido, no romance, Aline Bei conduz exatamente isso - ela transforma o luto e sofrimento da protagonista em experiência coletiva, convertendo o trauma em linguagem e o silêncio em denúncia. Logo, ao narrar a violência que atravessa o corpo e a subjetividade da mulher, a autora dá visibilidade ao que a sociedade tenta ocultar, cumprindo, assim, a função ética e humanizadora que Candido atribui à literatura.

A antropóloga feminista Rita Segato (2025) argumenta que a violência sexual não é fruto de um desejo individual, mas de um projeto político e cultural de dominação. O corpo das mulheres, em suas palavras, transforma-se no território onde se inscreve o poder masculino” (SEGATO, 2025, p. 26), funcionando como instrumento pedagógico de controle e intimidação. No romance de Aline Bei, o estupro se apresenta exatamente dessa forma: um gesto de correção e disciplinamento, no qual a protagonista é punida por transgredir normas que cerceiam seu desejo e sua autonomia. A narrativa, ao dar forma literária a esse sistema de dominação, denuncia como a sociedade converte o corpo feminino em palco de violências frequentemente legitimadas pelo silêncio e pela vergonha. Sendo assim, ao transformar essa experiência individual em discurso poético, Bei rompe com o silêncio imposto e devolve às mulheres a palavra que lhes foi negada, gesto que Segato (2025) reconhece como um ato de resistência e de afirmação da autonomia feminina.

Nessa mesma perspectiva, a socióloga Heleieth Saffioti (2015), ao discutir as relações entre gênero, poder e violência, observa que o patriarcado estrutura a sociedade de modo a perpetuar a subordinação feminina. Para a autora, as agressões contra as mulheres são manifestações de uma ideologia que legitima a desigualdade e naturaliza o controle masculino sobre o corpo e a vida das mulheres. Assim, em *O Peso do Pássaro Morto*, essa estrutura é exposta em sua forma mais crua, o ato de violência cometido contra a protagonista é a expressão de um sistema que transforma a mulher em objeto e lhe retira a condição de sujeito. Desse modo, ao dar forma a esse processo, a literatura se constitui como espaço de denúncia histórica e social.

3 A PALAVRA COMO FERIDA: LITERATURA E EXPERIÊNCIA FEMININA

A escrita de Aline Bei, em seu romance *O Peso do Pássaro Morto* (2017), emerge como um espaço de elaboração da dor e de enfrentamento da experiência feminina marcada pela dor do luto e violência constante. A obra, narrada em primeira pessoa em uma linguagem narrativa estruturada em forma de poema, faz da palavra um corpo atravessado pela ferida, uma linguagem que sangra, hesita e resiste. Diante disso, Hélène Cixous (1995) corrobora que, a escrita feminina é um gesto de inscrição do corpo e de sua memória no texto, uma maneira de dizer o indizível. Com isso, a voz da narradora, que percorre sua vida dos oito aos cinquenta e dois anos, testemunha o impacto de traumas e violências naturalizadas, mas também a persistência de uma subjetividade que se recusa



ao silêncio (BICALHO; ALVES, 2025; BICALHO, 2025a; BICALHO, 2025bc). Nesse sentido, a literatura torna-se o lugar em que o corpo ferido encontra na palavra uma forma de sobrevivência simbólica.

A ferida que permeia a narrativa de Bei é também social e histórica, vinculada à condição das mulheres na cultura patriarcal. No romance, a violência contra a narradora, que vai além da perda à violência sexual, reflete as estruturas de opressão que moldam o feminino na sociedade brasileira, conforme argumenta Judith Butler (2015) e Rita Segato (2018). À vista disso, Butler (2015) explica que a vulnerabilidade dos corpos é politicamente distribuída, e Bei dramatiza essa desigualdade ao dar visibilidade a uma mulher cujas dores não são exceções, mas parte de uma estrutura que naturaliza o sofrimento feminino (BICALHO; REIS, 2024). A fragmentação formal do texto traduz essa vulnerabilidade, isto é, os versos curtos, os silêncios e os espaços em branco funcionam como marcas visíveis da fratura, ecoando o modo como trauma se coloca na linguagem. Assim, a palavra não somente representa a ferida, mas participa de sua constituição e de sua tentativa de cura.

Nesse contexto, o romance de Aline de Bei configura como um gesto ético e político, isso porque transforma a experiência de dor em possibilidade de resistência. A autora insere-se em uma linhagem de escritoras que, assim como Conceição Evaristo (2014) e Carolina Maria de Jesus (2014), fazem da palavra um território de reexistência, em que falar é um ato de insurgência. Na obra, a narradora de *O Peso do Pássaro Morto* encontra, no dizer, uma maneira de confrontar o esquecimento e de reinscrever sua história sob outra luz. À vista disso, Adriana Cavarero (2005) aduz que, a narrativa de si é um modo de restituição da dignidade ao sujeito vulnerável. Assim, a palavra ferida, no texto de Aline Bei, não apresenta apenas o sinal da dor, mas instrumento de reconfiguração do sensível que, por meio dela, a experiência feminina é reconhecida, compartilhada e politicamente ressignificada.

No capítulo *Aos 18*, a protagonista depara-se com a descoberta da gravidez, consequência direta da violência sexual cometida por Pedro. Esse momento inaugura camada de dor e consciência: o corpo, já marcado pela agressão, torna-se agora o espaço onde a memória do abuso se inscreve de forma irreversível. Tomada pelo medo e pela culpa, a jovem absorve o discurso social que transfere à mulher a responsabilidade pela violência que sofre. Ao comunicar a gravidez aos pais, escolhe ocultar a verdade, criando uma narrativa que a protege do julgamento, mas também reforça o silêncio imposto às vítimas pela moral patriarcal.

Ao segurar o bebê nos braços, a jovem é penetrada por emoções contraditórias, como ternura, angústia, amor e repulsa. A criança, nascida de um ato de dominação, encarna tanto a continuidade da vida quanto a lembrança da violência. Nesse gesto silencioso de acolher, a protagonista confronta o paradoxo de gerar e sofrer, de amar e recordar. A cena expõe com delicadeza e potência o modo como o corpo feminino, na literatura e na vida, se torna campo de disputa simbólica, lugar onde o trauma, o silêncio e a resistência coexistem.

Esse episódio de segurar o bebê, segundo as feministas Segato (2025) e Saffioti (2015), evidencia que a violência sexual não atua somente sobre o corpo da vítima, mas configura uma forma de dominação estrutural que se insere na subjetividade e na experiência social das mulheres. Ao silenciar a verdade e lidar com sentimentos contraditórios diante do bebê, a protagonista reproduz, involuntariamente, o que Segato (2025) descreve como a função pedagógica da violência patriarcal, isto é, ensinar às mulheres seu lugar subordinado, naturalizar a culpa feminina e reforçar a autoridade masculina.

Nesse sentido, o trauma não pode ser compreendido só como um fenômeno isolado, mas parte de um sistema simbólico e social que organiza relações de poder, produzindo medo, silêncio



e internalização da submissão. A literatura, ao dar voz a essas experiências, permite revelar como essas estruturas de dominação atravessam corpos, emoções e narrativas, e como, mesmo sob coerção e desamparo, o corpo feminino se torna simultaneamente um espaço de vulnerabilidade e de resistência silenciosa, subvertendo a lógica de controle que a violência pretende impor (BICALHO et al., 2024; BICALHO et al., 2025).

Nesse contexto, consoante a Candido (1965), a literatura ao transformar experiências individuais de dor e violência em narrativas que questionam e expõem estruturas sociais de poder. Sendo assim, Saffioti (2015) pondera que, a subordinação feminina é um efeito isolado da violência e um resultado de relações históricas e sistemáticas de dominação masculina, que se reproduzem em normas, hábitos e discursos.

Ao mesmo tempo, a análise de Candido (1965) reforça que a literatura não é mera reprodução da realidade, mas um espaço crítico capaz de iluminar tensões sociais e possibilitar reflexão e resistência. Assim, a narrativa da protagonista revela como o corpo e a subjetividade femininos, atravessados pela violência, se tornam instrumentos de denúncia e contestação, mostrando que, mesmo em meio à dor e ao silêncio, a literatura oferece meios para compreender, confrontar e eventualmente subverter os mecanismos de opressão patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de *O peso do pássaro morto* revela como a literatura pode se constituir como um espaço de resistência e de denúncia das violências que atravessam a vida das mulheres. Ao transformar a dor e o trauma em linguagem, a autora evidencia que o corpo feminino é, simultaneamente, um lugar de vulnerabilidade e de afirmação, marcado por experiências individuais que refletem tensões sociais mais amplas. Assim, a escrita fragmentada e poética traduz não apenas a memória das cicatrizes, mas também a relação íntima entre o sofrimento pessoal e as estruturas que o perpetuam, demonstrando como a vida cotidiana é atravessada por normas, hierarquias e expectativas que moldam as subjetividades.

O texto também ilumina a complexidade da maternidade em meio à violência, expondo o dilema de proteger a inocência de uma nova vida enquanto se carrega o peso de experiências traumáticas. Com isso, silêncio, o medo e o sofrimento da protagonista não surgem como casos únicos, mas como manifestações de um sistema que disciplina e limita o corpo e a voz das mulheres. Ao narrar essas vivências, a obra transforma a experiência pessoal em reflexão crítica, permitindo perceber como resistência, memória e afeto se entrelaçam, tornando visível aquilo que muitas vezes a sociedade busca ocultar ou minimizar.

Por fim, a leitura da obra confirma que a literatura não é apenas espelho do mundo, mas instrumento de compreensão e transformação social. Ao dar voz à experiência feminina, o romance amplia a percepção sobre desigualdades, injustiças e relações de poder que atravessam vidas e histórias. Ele demonstra que a escrita pode ser um meio de resignificação, oferecendo caminhos para a denúncia, a reflexão e a resistência, mostrando que mesmo o silêncio imposto pela violência pode ser transformado em linguagem, memória e afirmação da própria existência.

REFERÊNCIAS

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, 2017.



BICALHO, Lucas Matheus Araujo Bicalho; ALVES, Luís Fernando Souza. A transfiguração do feminino na literatura brasileira: uma análise sobre a figura da Maria Moura (1992) como símbolo de resistência e subversão aos papéis de gênero. **Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 63–82, 2025.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo Bicalho; ALVES, Luís Fernando Souza; PEREIRA, Maurício Alves Souza. Entre páginas e cicatrizes: a violência contra a mulher em *O peso do pássaro morto* e no cotidiano brasileiro. **História em Revista**, v. 30, n. 2, p. 76-91, 30 jul. 2025.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Asas mutiladas: a dor silenciada em Malévola e seus ecos na cultura patriarcal. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 52-62, set./dez. 2025.2025a.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Sete Maridos: Casamento, Literatura e Gênero Em Os Sete Maridos De Evelyn Hugo (2019). **TEMPORALIDADES**, v. 17, p. 1-16, 2025b.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Úrsula, a vilã subversiva: gênero, poder e estereótipos na construção da personagem de A pequena sereia (1989). **Revista Multidisciplinar**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 1–10, 2025c.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Sousa; LOPES, Ana Paula Oliveira; ROCHA, Vanessa Tamires Rocha; MEDEIROS, Derliane Oliveira. Quando a Fé Cega: Banalidade do Mal e a Dominação Carismática no Caso de João de Deus. In: Ednan Galvão Santos; Karine Chaves Pereira Galvão (Org.). **Ciências humanas e sociedade**: estudos interdisciplinares. 1ed.Paraná: Aya, 2024, v. 4, p. 124-133.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; MARQUIOLI, Stefany Reis; ALVES, Luís Fernando Souza; VIEIRA, Guilherme Carvalho; SANTIAGO, Ioli Ferreira; FERNANDES, Mariana Ruas; MEDEIROS, Derliane Oliveira; DIAS, Alana Laviola; SOUZA, Amanda Castro de; CARVALHO, Eder Junior de. “Ele me Tratava Como uma Rainha até eu querer a liberdade”: Análise Narrativa e Reflexões sobre o Caso Elize Matsunaga na Netflix. **Ciências Humanas e Sociedade**: estudos interdisciplinares. 1ed.Paraná: Aya, 2025, v. 5, p. 26-38.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; REIS, Filomena Luciene Cordeiro. Suzane Von Richthofen: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 27, p. 219–236, 2024. DOI: 10.5216/ci.v27.80933. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/80933>. Acesso em: 23 dez. 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CAVARERO, Adriana. **Relating Narratives**: Storytelling and Selfhood. Tradução de Paul A. Kottman. Londres: Routledge, 2005.



CIXOUS, Hélène. **A risada da Medusa**: ensaio sobre a escrita feminina. Tradução de Ana Luiza Silva Camarani. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Revista de História**, n. 149, p. 95–108, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Jocelaine Oliveira dos. Morte, Violência E Devastação Em O Peso Do Pássaro Morto, De Aline Bei. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 36, n. 1, p. 53–67, 2021.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

SEGATO, Rita. **As Estruturas elementares da violência**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2025.

SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Lorena Luana Dias da. **Estupro e silenciamentos em O peso do pássaro morto (2017) de Aline Bei**. 2023. 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.furg.br/handle/123456789/11357>. Acesso em: 15 out. 2025.